



Luiz

0.12

música, fotografia, opinião, non-sense e algum blábláblá, não necessariamente nesta ordem



bung!

expediente? textos, diagrama e ação: este que os escreve. os textos - que as vezes são meio roubados (com carinho e com as melhores das intenções, posto que o que é bom deve ser compartilhado) mas tem créditos, as fotos com créditos sempre são dos creditados e as demais são minhas mesmo. como sempre, se está lendo estas e ficar a fim de trocar idéias, seja antiquado que nem que eu e trate de mandar um email para luiz.zine@pobox.com e ou dê uma olhada em fb.com/zineluiz . Nos vemos por aí. Seja onde for, seja quando for, porque se for pra ser, será.

editorial

descabeladível

a sensação é boa. mal terminei de fazer o 0.11 e o 0.12, edição ênio andrade, camisa douze, começou a nascer. sinal tanto de que ao (re)abrir a porteira, tinha mais lá dentro querendo sair. ou precisando. tanto faz, dá no mesmo. mas tudo tem seu tempo. ficou parado, amadurecendo. alguns cortes, algumas adições, decidir que a cor será preto em homenagem ao primeiro e mandar ver. inspiração, tem aos montes, seja minha, seja dos amigos, seja em volta, seja dentro. é escutar uma música (no repeat ou não), ver um filme, ler um livro, olhar pro lado, pra cima ou pra baixo e pronto. a estas alturas, não me comprometo com o que vem pela frente, mas se vier, será bem vindo. **hey ho, let´s go?**



mari korman, merci





Não sou boa com meio termos.

Gosto do sim e do não.

Gosto de regras claras, detesto dissimulação.

Não aceito gosto mais ou menos de você.
Prefiro grosseria à mentira.

Provérbios para justificar a dor de viver existem alguns.

O que não mata, fortalece.

Pode-se aprender pelo amor ou pela dor.

O que arde cura...

And so on...

As minhas escolhas e aptidões me trouxeram
a vivenciar as dores mais profundas, mesmo
que nem todas em primeira pessoa.
A busca por sentido é o que nos move.

O sentido da minha vida
é olhar a morte de frente e dizer: **eu te desafio.**
Não acredito em Karma. Acredito em vontade de viver,
acredito que a vida vale em sua essência.

Eu tremo, calo, me agito, sinto o perigo que
ronda minhas madrugadas insones.

A dor talvez tenha me transformado numa pessoa minimamente decente. Acho que sim. Não é a única forma e não espero que valha para outrem. Mas na busca por uma razão, **foi onde me encontrei.**

rip

a simples constatação de que desapareceste silenciosamente e levando contigo o nós me trouxe tranqüilidade e tristeza ao mesmo tempo.

todo o dilema que existia, confrontando
nosso livre arbítrio, se foi, kaputz. e por isto,

uifa.

um rombo que não
tem como ser
compensado, do

film

das fantasias de uma vida diferente, de uma perspectiva menos
contemplativa e mais cheia de...

emo
ções

aconteceu assim, de graça, inesperadamente, e já que veio do nada, não tive como controlar. ali, sentado, comendo uma empada e na tela a atriz se emocionava com o reencontro com a filha que nunca conhecera. nem som tinha, era closed captioning! algo absolutamente manipulado, construído para fazer desmanchar. algo que tá na cara que é pra causar. o tipo de coisa que, portanto, normalmente não me pega, identifico antes de fazer efeito e racionalizo. pois mesmo assim me vi tomado por uma emoção impossível de controlar, que veio do fundo e não quis nem saber se eu estava sentado em um local público, garçom na minha frente, gente por todos os lados, azar.

tu és meu, ser.

meu.

e tu vais chorar, tu vais perder o controle, tu vais te deixar dominar, nem tenta. impotência total, sem chance de manter as aparências, de dar uma disfarçada, aceitei. meia empada comida, copo de água ali, justo ali, um lugar totalmente inexpressivo, mudano, gente em volta, todos nem aí. **emoções, que perigo.** lembrei porque nunca tomei ácido: o medo de perder o controle inesperadamente três dias depois do fato e não ter o que fazer, na fila do banco, no meio da reunião com o cliente, não ter como me segurar, me recuperar, sei lá. não que eu nunca tenha sido dominado pelas emoções, medo, raiva cega, alegria. a última vez que senti algo parecido foi vendo o

trailer de les miserables no cinema, a música alta! o nó veio de dentro, assim, de sopetão, uma coisa sem explicação, meio que nem esta. não sei bem o que me surpreende mais, se a intensidade de sentir algo que se sabe que não tem como controlar ou de não conseguir escapar, mesmo sabendo que vai acontecer.

que medo.

We should try a little **harder** in
this tedious march of the few.

few.

ew.

w.

LCD Soundsystem. Brilliant.

the taste of the past is a

course

that will last.

imperial teen. superb.

while we're on the subject, can we please change the

subject

elect?

Modest Mouse, inspiring.

"este foi o
cachorro que me ensinou a latir."

um clássico da Mirandagem, proferido em solo santo.

"Te espera o mármore
que não vais ler."

tá bom, irmão Borges. Imbatível sois.

Eu queria **falar** você queria calar.

Eu queria **sonhar** você queria dormir.

Ah, Kevin Johansen. Sacanagem.



one more round in this coul-de-sac.

Bass Drum of Death. yeah. really.

I only have two emotions:

careful fear

and

dead devotion

damn, The National. **so** beautiful.

E a medida que

simplesmente

decido não listar a minha infindável coleção de atos e ações inadequadas que seguem crescendo - pra dizer pouco - (de que serviria me pergunto), meio que me auto-absolvo (infantil e inutilmente, eu sei), pelo jeito só para continuar cometendo estes atentados contra tudo e todos, mas que o fim são contra mim mesmo.

Pelo menos não tenho ilusão de que tudo bem, eu mereço, não faz diferença ou ninguém tá vendo, a não ser eu mesmo, claro. Tem relação direta com aquele texto que o Zico me deu? Talvez. Mas é algo bem anterior, algo de perdulário que vem comigo desde sempre, de querer fazer e fazer e

azar.

Já me disseram apropriadamente que quando eu quero fazer caca, ninguém me segura, principalmente eu mesmo, como tão bem sei. Uma aposta meio insequente só pra ver aonde vai dar, andando em cima da navalha, mas com a consciência de que tanto estou abusando da sorte como sei bem que não dá pra olhar o diabo nos olhos sem sair chamuscado. Não saindo

torrado

tá de bom tamanho?

Só mais um par de cicatrizes para vestir e desfilarmos por aí. O mais interessante é que ninguém parece perceber que as tenho, e não é de hoje que meus dilemas e crises internas não são visíveis, as vezes nem mesmo para mim.

segue o baile.

so what's the use to

stay in bed

if you got no use for time?

tanx, Pavement. luv.

sometimes

the good guys lose.
we try not to lose our hearts,
not to lose our minds.

tanx yo la tengo. **nothing** ever stays the same.

... and if they try to slow you

down

I wouldn't change

one

stupid decision for another 5 years of

lies

LCD Sound System, if only we could see our friends tonight.

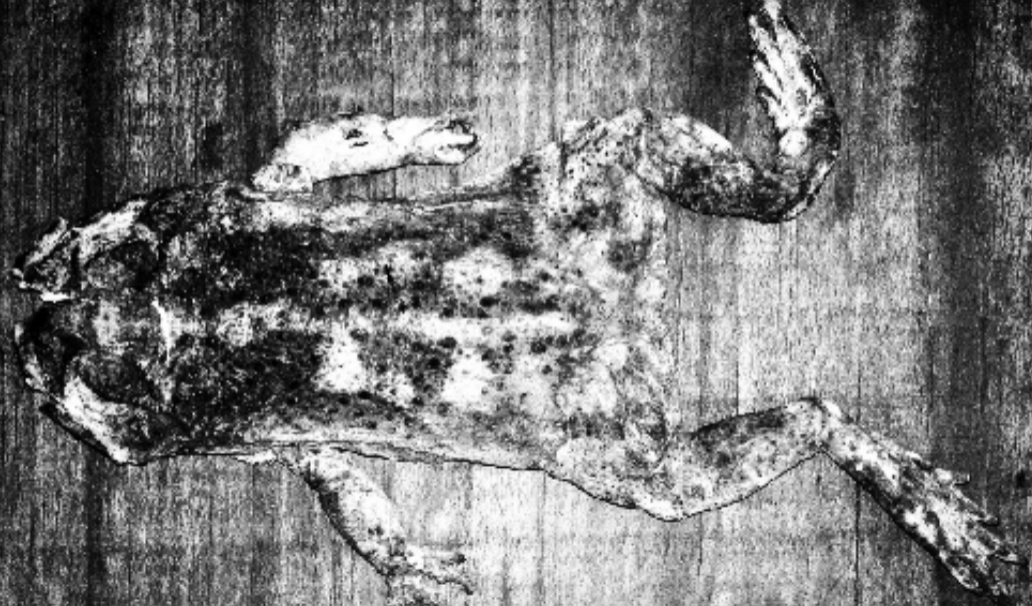
enquanto dormes inocentemente, te observo e fico aqui pensando se não devia desenhar teu rosto. a certeza de que não terei competência para te fazer justiça me impede de fazer o primeiro traço. e como não pretendo fazer uns rabiscos que no máximo iam garantir um pouco de vergonha e falta de explicação, mais um não acontecimento engrossa meu acervo extenso. quem sabe consigo descrever o que vejo? tarde demais, posto que despertas, sacodes o cabelo e mudas de posição. aquela visão vai para a memória, o que não ajuda muito, já que minha memória visual é curta. fica impossível dar continuidade à missão, da mesma forma que acaba por aqui este registro, meio sem pé nem cabeça, só um ensaio curto de um momento efêmero, mas registrado mesmo assim.

curto

era uma vez

PDD '13/14

zicô farriná





































is a

it's gonna be?

it's like the

discipline

without all the

discipline

from all the

discipline

thanks so much, LCD Soundsystem

when we draw the line, that's when we

expire

thanks, Napoleon IIIrd

vamos?

philip de lacy white

the

lure

of the dark

‘You’re not going out in this, surely Alan’

said Elza to her husband. Mr. Edwards wrinkled up his nose and squinted at the gray drizzle coming in waves across the patch of grass that woefully represented the back garden. ‘Can’t disappoint Digger, can we Digger?’, and he looked down at the collie, already with one paw on his foot, twitching his head in expectation of the cue to go. ‘But it’s madness, Alan’, she continued, ‘it’s a filthy night and you’ll get wet through. I’m quite sure Digger can survive one evening without exercise’. Alan surveyed the two most important beings in his life and stood strangely still as though he were waiting for somebody to prompt him. A stifled whimper emanated from Digger. ‘Alan?’ began his wife, but he was already heading for the back door where the darkly stained brown leather lead hung in its usual place. He pulled off his heavy gabardine from the hook and flung it around him, tightening the belt resolutely round his middle.

‘Well, don’t forget your cap, if you must go’,

and Elza, with a tender pat, secured it on her husband’s head. ‘What is it luv?’, said Alan. She was standing with her arms still raised and her hands suspended in a gentle curve as though she were holding something fragile. ‘I don’t know’, she said, ‘Something just took my breath away. How silly, I can’t think what came over me’. Alan placed his left hand on her cheek, ‘You sure you’re all right? You don’t want me to stay with you?’ ‘Don’t be daft, darling’, she replied, ‘after all, you can’t go disappointing Digger now, look at him, tail wagging and all. It was nothing, only don’t be long. You don’t need to go all the way down the mile path, just to the end and back’. Alan nodded, lifted up his coat collar and clicked up the heavy latch. The wind whipped through the open door and rustled the dried flowers straggling out of a dull gray vase on the shelf below the mirror, ripping off frail, dusty petals and scattering them towards the downstairs privy,

'Time I chucked those out',

thought Elza as she stared after them, 'Alan!' she called out suddenly, but he had already rounded the corner of the stone house and was out of sight. She fought for a few agonizing seconds; she would go after him, slip into her woollen coat and walk with her husband, yes, simply walk with him, but then, how strange, how would she explain it? She couldn't even explain it to herself. It was simply raining; a dark, damp, miserable night, no more, no less. Why shouldn't Alan walk the dog? He always did. But even so, she bit her bottom lip and took a long, slightly quavering intake of breath, 'He'll be back soon', she assured herself, 'He'll be back soon', and she shut out the night and the darkness and went into the cosy ordinariness of the living room. It was a steep climb up to the downs; a good fifteen minute walk before levelling out at the top of the valley, stretching onwards for miles and miles; the backbone of the North Downs way.

The houses grew steadily further apart until he reached the end of the tarmacked road and the wild expanse of ancient downland began. It really was exceptionally dark. He knew it like the palm of his hand and bright daylight or impenetrable night was of little difference to the dog. But, oh, how invigorating it was! Since a boy, Alan had always been attracted by the night; unlike the majority of small children he had looked forward to 'lights out', when the walls fell away and innumerable realms of unlit space, ripe for his imagination, spread into eternity, where all cares and concerns of the day were swallowed up and he could be anyone or anything he wanted. He marched forwards, head slightly bowed; hands in his pockets, turning occasionally to whistle for the dog. How the wind blew! The hawthorn and bilberry bushes protesting in vain as they were buffeted mercilessly – and the noise, like wild whisperings, unruly,

untamed, an element entirely free and unchained, without religion or moral, whipping up his spirit and igniting a pagan fire in his soul. In these moments he was not even recognizable to himself but vibrating with something far deeper, timeless and eternal. At the furthest end was a thick, impregnable hedge some ten feet high. The chalk path dropped down steeply to a little copse and then wound its way towards open fields and into the densely wooded forest that reared up, forming a dark curtain; this in turn giving way to the right, revealing a valley stretching all the way up to the horizon. Far, far away he could just make out the twinkling lights of a farm house. He stood surveying the scene around him and breathed in the rich dark night. Something caught his eye on the mile path, flickering in and out of view. Who else would be reckless enough to come out in such weather? Perhaps someone like himself? but why the lights?

Torches, could they be flame torches?

He peered into the blackness; yellow flames held high, darting through the trees, almost lightly, as though someone were dancing. Pilgrims, they must be pilgrims, the route was still popular since the fourteenth century, but of course not, not now. His curiosity held him firm; intrigue and a desire to clarify whatever mystery lay behind the bright ball of fire. The slope was steep down to the copse; even an experienced athlete would be hard pushed to run up it without extreme exertion. The flames were moving upwards, hugging the thick border hedge, moving quickly, stealthily. For the first time in his life the wild darkness felt uncomfortable, threatening even. An instinct springing from the soles of his feet had him turning and heading back towards the mouth of the downs. He didn't run but walked steadily, calling the dog's name but without checking to see if he was responding. The landing light of the last house before

the entrance shone out in the distance, a friendly, welcoming light, drawing him away from this untamed universe and back to a simpler, ordered world and to a man he could recognize called

Allan.

He must have been a little over half way along the exposed grassland when, with no evidence of the dog in sight, he turned back to call his name. As he did so, he choked on his own breath, for no more than fifteen feet from him, the garish ball of flames was writhing and surging, as though cupped by invisible hands. Unfathomable terror took a hold of him and he ran, unmindful of the dog or anything else but the desire to reach the small glowing light in the distant upper window of the last house. A small depression in the thick grass, impossible to see or avoid. He was down, his right ankle twisted agonizingly under his leg. The grass around him lit up into view, glaring lurid green and hot, an intense heat enveloping him, scorching his hair. He cowered in pain and, straining his head round, confronted the vast ball of vivid light, the intensity of which increased towards the centre where, to his horror, he saw like an

agonizing captive, his own terrified face grimacing back at him and

burning,

burning...



Mrs. Edwards left the village shortly afterwards. Neither her husband or the dog were ever seen again. A thorough investigation was made but no evidence was ever unearthed apart from a strange circular indent of blackened grass up on the windswept backbone of the North Downs way.

cansei de procurar **soluções definitivas**
para **problemas temporários.**

esta frase bombástica ia pro 0.13
mas achei melhor não contar com
el huevo en la cloca de la gajina...

pat matz, 10 anos atrás. effin´ actual.

existe uma linha muito tênue entre aquilo que é o excesso e o que é a perfeição. uma linha fina divide o exótico do dramático, o divino, do vulgar. o nada e o minimalismo. poucos sabem o que pode fazer o must e o must not ou mesmo o must never. menos pessoas ainda podem fazer a distinção entre o belo e aquilo que está literalmente de cabeça para baixo.

tem **muito** mais

coisas na vida da gente do que a vida da gente. se é que isto faz algum sentido pra vocês. pra mim, até que fez quando eu pensei, mas agora que escrevi, tá meio estranho. e depois de ter escrito e deixado parado, ali, por 7 anos, fez sentido de novo. melhor não esperar tanto tempo assim pra publicar, deve demorar mais 15 anos pra voltar a fazer sentido.

you

through what you go through.

grow

so true. sabedoria vindo de documentários do netfix...

o tempo parecia pouco

a gente parecia **muito.**


leminski...

le musique.
ah, le musique.



tomei um fartão de sentir.
não quero sentir nada,
quero só viver.

ah, Loly. vai passar. Sempre passa.
E não sentir, também é viver.

A black and white photograph showing a close-up view of a body of water. In the foreground, there is a concrete structure, possibly a pier or a breakwater, with a rough, textured surface. The water is dark and has small, choppy waves. The lighting creates some highlights on the water's surface, particularly on the left side. The overall mood is somber and quiet.

parecia o mar.

there's a trigger somewhere,

let's

pull it.

Say Hi. thanks a bunch.

a natureza estúpida

dos fatos sempre me fazem temer pelo pior. mas hoje, não.

zico farina

hoje não.

se existisse uma sentença para tudo isso, uma guilhotina e seu pescoço lá embaixo, esperando o momento exato para separar-lhe do corpo enquanto a Bastilha caísse, se tivesse a possibilidade de um sul coreano invadir nossos quartos, nos fuzilar e mandar as fotos dos nossos corpos dilacerados para a NBC, se por uma fatalidade qualquer um kamikaze errasse o alvo e viesse em nossa direção querendo nos apagar do planeta,

hoje não seria o dia.

o dia de nos lambuzarmos como crianças comendo sem se preocupar com roupas sujas ou mesmo banho. hoje é o dia. leve vinho, que eu aprendia a cantar Ana dos Pixies para você. E deixe, só por hoje ser hoje,

tu machucou minha barriga.
e meu coração. ah, beibe... tá só começando. ;)

4vee

estou aqui sentado pensando na vida e escutando Sufjan Stevens no loop e lembrando da dica que a a Loly me deu de escrever pra VV no zine, usar ele pra mandar mensagens, deixar escrito pra ela algo que ela agora talvez não vá saber entender mas que depois vai gostar. e bem nesta hora vem aquela parte da música onde ele fala da filha que o irmão teve e da beleza que ela trouxe, da luz em um conceito mais transcendental. e me dou conta que nunca vou conseguir dizer pra ela tudo o que senti e sinto desde que ela foi concebida, o amor que sinto e como só agora entendo o amor que a minha mãe sentiu e sente por mim e me pego pensando nisto quando vou lá na cama dela antes de eu dormir pra ver como ela está, botar a mão na testa, ver se está suando (sempre está, eu sei, mas não me impede de botar a mão mesmo assim), dar um beijo e ir dormir mais tranquilo. quantas vezes minha mãe deve ter feito isto?

ser pai pra ser um melhor filho. a admiração que sinto ao ver ela aprender e descobrir coisas e se surpreender. ainda não entrei na fase de pensar muito sobre o que ela vai sentir mais adiante, como o que escrevi pra Loly tantos anos atrás, mas sim, me dá um apertinho no coração de pensar que ela tem pela frente na escola, os colegas, as alegrias e os sofrimentos, as decepções, as surpresas.

As perdas.

Os amores. e os amigos, até o fim da vida. não acaba. mas
tem fim, ô se tem. sem falar da apreensão de
não poder estar perto dela quando ela precisar, algum dia, seja quando for. e o
implacável desapego de saber que tem que deixar ela sofrer pra aprender, que
não tem como de fato estar com ela pra sempre, pra poder conversar depois,
ajudar a entender. ou só confortar quando não há como entender,

só resta **aceitar.**

denso isto, não? tenso também. lembro de ser guri e chorar ao me dar conta que os que estavam a minha volta um dia irão e eu mesmo seguirei o mesmo inexorável caminho. mas pensar que vou deixar ela para frente (eu que ficarei para trás) e que um dia ela mesma se irá é simplesmente aterrorizante, dá uma pressa, uma vontade de fazer já o que tem que ser feito, pra deixar tudo certo pra ela e que mesmo que eu consiga, não vou poder dar de fato o que ela quereria ter, porque simplesmente não tem como. e assim, meio que por mágica derivada desta lógica incontestável, respiro fundo, me acalmo e deixo estar. concentração para manter o

foco

e fazer tudo pra deixar tudo certo, contando com a sorte e a bondade do destino e da vida. não tem como saber se vais ler isto um dia beibe, mas se isto acontecer espero estar por perto pra poder dizer o quanto

te amo

e quero e tudo o que te vi e hei de ver fazer, seja como Tuníca, seja como minha filha, seja como o amor da minha vida. contando um pouco com a sincronicidade, eis que a música do sufjan termina com um providencial "illumination". nada mais apropriado.

ww



tanx, giant sand, heart breaking

sometimes I don't know her,
she's like somebody else.

but it's alright:

I'm a stranger here myself.

and zinning...

e novamente me pego encontrando novos significados nas letras do Sufjan Stevens, um sem fim de menções e pontes e conexões, algo de belo mas também de triste, uma certa perplexidade com tudo e todos, mas com sutil alegria por reconhecer beleza na tristeza e no sofrimento, já que tudo é parte da vida, por mais que doa. sentir. entendo quem tenta isolar seus sentimentos - quem nunca? - se entupir na distração das tantas ofertas neste sentido desta vida contemporânea, mas que no fim não trazem o que de fato buscamos, seja lá o que for pra ti ou pra mim. ou até trazem, mas de forma efêmera. e não é tudo de bom de fato efêmero, depois servindo como combustível para uma busca sem fim por reviver aqueles momentos de felicidade e prazer? pensamento lógico, que perigo e ao mesmo tempo que combustível incrível para epifanias, uma série de clicks, de sacadas, de 'ahás', de momentaneamente entender 'what the f' estamos fazendo por aqui, ainda que por um breve momento e então tragicamente prontamente esquecer, como se fosse uma dica que recebemos no fim de um sonho bom e que ao longo do dia esquecemos, só ficando a sensação de que tínhamos aprendido algo importante, mas que agora não lembramos mais. **damn.**



hope is found
when you're closest
to the ground.

esclarecedora afirmação de dominique fraissard
no seu belo art of a common kind. Merci!



tá. mas o que **isto** tem a ver?

pergunta estupefante da menina de então quase 7 anos depois de assistir a uma bela peça publicitária que tenta associar a marca a experiencias de vida bonitas. e agora? responder o que?





um clássico larissiano

And I ride my

bike

And I drive my car

I drive it all around just to take me

back to you

And I comb my

hair

And I wear a

dress

I wear it all around just to take me

back to you

And I ride my bike

And I drive my car

I drive it all around just to take me

back

to you

This is a story about a dog, a dog. When I ride my bike . And my hair is blowing straight back. I think of you wearing that brown mohair sweater. Soft mounds of breasts underneath. Or better yet one of those squiggly aluminum lawn chairs. I'm putting sun tan lotion on your long legs. Wearing a broad rim straw hat. Pair of Mickey mouse sunglasses. Looking just like lolita. Looking just like lolita. White sheets hanging on the line. White sheets blowing in the wind. A satellite dish pointed straight up at the heavens. A satellite dish pointing straight up at the heavens. Isis! (Isis) (Isis)



oh yeah!

take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you
take me back to you

take me back to you take me back to you take me back to you take me back to you take me back to you

take me back to you
take me back to you
take me back to you

back to you

ah, cracker... so take me.

vários olhares sobre os olhares

zico farina











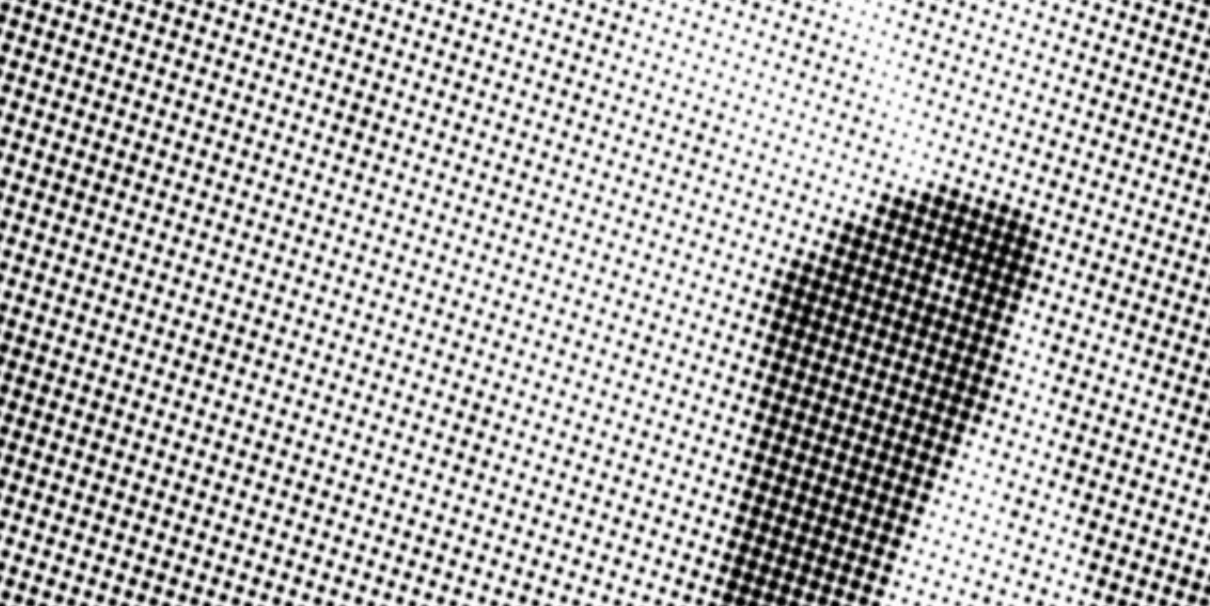


ne young,
we are
of time.

abigail thomas! isso lá é coisa que se diga?

ch-ch-chicago





let's
self
destruct,
beibe.

interessante constatação: a auto destruição, salvo as exceções, é um processo lentoooooooo, não tem contagem curta. lembro duma apropriada musica das L7 onde cantam que o cérebro e corpo precisam de algum abuso, independentemente do custo que um dia, feito compras parceladas no cartão de crédito, chega. como as consequências raramente são sentidas instantaneamente, feito aquela meia tonelada de chocolate consumida de uma levada só que mais cedo ou mais tarde vai se acomodar ao redor das tuas vísceras ou em notáveis firestones logo acima da linha da cintura, nada disto te impede de fazer merda, seja ela qual for. assim como as fotinhos daquele pobre ser sofrendo em pura dor seus

últimos momentos derivados de um cancer nos pulmões gentilmente afixadas na embalagem da carteira de cigarros não impedem muita gente de dar aquela profunda tragada num marlboro black - que se existisse, seria um sucesso, sem dúvida - esta extrema manifestação perdulária de uma ilusória e conveniente desconexão de efeito dos respectivos atos nos persegue, persegue, persegue, até que um dia, infalivelmente, nos pega. mesmo assim, passo a passo, deslize após deslize, tentação após tentação, dia após dia, nos dirigimos ao tão doce abraço que tanto nos traz prazer instantâneo, apesar de todo o custo, da frustração, da triste mas inegável impotência ao lutar contra.

haja
virtude,
haja
força
de
vontade.
haja.

sopa de minestrone

jimi joe

ela era uma coisa mezzo jean seberg em
acossado mezzo audrey hepburn loira. uma
esfinge na mesa do bar esperando pela
cavalgada final dos quatro post sripti levantando
poeira pela rua principal da cidadezinha de
bosta encravada no cu do sul do mundo onde
não só era quente como era absurdamente
insuportável. os telecotecos carnavalescos
ainda ecoavam pelo ar quando se ouviu roberto
carlos (ou o que seria o eco da voz de roberto
vinda de algum transatlântico em cruzeiro
inimaginável!) cantando que de hoje em diante
eu ia modificar o meu modo de vida pois
naquele instante em que ela partiu um tsunami
estourou meus tímpanos já devidamente
abalados por uma oportunista otite externa de

verão embora eu sequer tivesse ido à praia, piscina, lagoa ou coisa que o valha. navalha na carne pra não perder a rima, enfim. até porque tudo muda o tempo todo no mundo, como já entouou sabiamente lulu santos emulando os antigos textos taoístas do i ching, com os quais aquele tal de carl gustav jung resolveu se meter deixando-nos todos enojadamente a ver navios que nem tampouco eram o transatlântico que conduzia o rei roberto e seu séquito de servidores todos carregando chapinhas para manter devidamente lisos os reais cabelos. e pronto. **ou ponto.**

1 VIDA SO &



1 DIA DE CADA VEZ



douze!

escreve pra luiz.zine@pobox.com
ou dá uma passada em fb.com/zineluiz ou
melhor: **vai pra rua, ver o sol.**



X